

As Condições de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis do Lixão na Capital do Brasil

Working Conditions of Recyclable Material Collectors in the Brazilian Capital's Garbage Dump

Juliana Medeiros Paiva Schmitt¹

Ana Beatriz de Souza Esteves²

Resumo

Este artigo analisa as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão na capital do Brasil. De acordo com dados oficiais, 50,8% do total de resíduos do Brasil tem como destino os lixões. Em Brasília, o lixão da Vila Estrutural está em funcionamento desde a década de 1970, e atualmente cerca de 1500 pessoas realizam o trabalho de catação. A dinâmica do trabalho gira em torno de coletar o material reciclável misturado com os outros resíduos. Dessa forma, este artigo visa identificar os riscos à saúde aos quais esses catadores estão submetidos. Foram coletados dados junto a 450 catadores no próprio lixão. Constatou-se que os catadores são submetidos a condições insalubres e desumanas de trabalho. Cerca de 35% dos catadores já se acidentaram no trabalho, sendo a maioria ocasionados por material cortante, devido à ausência de material de proteção individual e falta de separação dos resíduos.

Palavras-chave: Catadores de matérias recicláveis; Condições de trabalho; Risco ocupacional; Saúde do trabalhador

Abstract

This article examines the working conditions of recyclable material collectors who work at the dump in the capital of Brazil (Brasília). According to official data, 50.8% of total waste in Brazil is goes to the landfills. In Brasília, the "Vila Estrutural" dump has been operating since the 1970s, and currently about 1500 people do the recycling work. The dynamics of the work revolves around collecting recyclable materials mixed with other waste. Thus, this article aims to identify health risks to which these collectors are subject. We collected data from 450 waste collectors from the dump. It was found that the collectors are subjected to unsanitary and inhumane conditions of work. About 35% of the collectors have had accidents at work, mostly caused by sharps, due to lack of personal protective equipment and lack of segregation of waste.

Keywords: Collectors of recyclable materials, working conditions, occupational risk, Occupational Health

[¹] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília-UnB, e assistente social da Companhia Brasileira de Projetos e Empreendimentos - COBRAPE
Email: julianna.paiva@gmail.com

[²] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília – UnB, e socióloga da Companhia Brasileira de Projetos e Empreendimentos - COBRAPE. Email: appoema@gmail.com

1. Introdução

Uma das conseqüências do acelerado ritmo de crescimento das cidades, observado em todo mundo, é a questão da limpeza urbana que acaba sendo comprometida, provocando alguns problemas típicos na maioria das cidades brasileiras. Ruas sujas e depósitos clandestinos de lixo transformam-se em focos de doenças, como a dengue, por exemplo. Em geral, esses problemas se concentram nas áreas mais pobres, onde a coleta de lixo é mais deficiente, devido a vários fatores como a falta de infra-estrutura.

Com base nos dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), realizada em 2000 pelo IBGE, é estimado que no Brasil sejam produzidos que cerca 160 mil toneladas de resíduos sólidos por dia. De acordo com a pesquisa 59% dos municípios brasileiros, depositam, sem tratamento, seus resíduos sólidos em lixões, onde trabalham cerca de 24 mil catadores.

O problema da destinação dos resíduos em lixões é preocupante não apenas do ponto de vista ambiental e sanitário, mas também do ponto de vista social, pois envolve o trabalho de catação por homens, mulheres e crianças, uma vez que agrava a degradação ambiental e intensifica o processo de exclusão social. (ABREU, 2001)

Os lixões têm se tornado cada vez mais o alvo de pessoas de baixa renda, que encontraram na coleta de materiais recicláveis uma forma de sobrevivência. A catação de resíduos sólidos urbanos é uma atividade relativamente recente no Brasil e vêm crescendo nos últimos anos devido ao incentivo à reciclagem, como forma de resposta ao esgotamento dos recursos naturais não-renováveis e da degradação ambiental.

A geração de renda a partir da geração de resíduos se constitui contraditoriamente problema e alternativa, criados pela sociedade de consumo, e envolve não só medidas técnico-econômicas, mas, principalmente, propiciando reflexões profundas acerca do modo de produção e consumo atuais.

A profissão de catador é reconhecida como categoria profissional, oficializada na CBO – Classificação Brasileira de Ocupações, no ano de 2002, registrada pelo número 5192-05. De acordo com a classificação são catadores aqueles que catam, selecionam e vendem materiais recicláveis.

É necessário reconhecer o direito dos trabalhadores da catação, para além da formalidade legal, por meio da melhoria das condições de trabalho e de vida, para que estes possam superar a categoria de trabalho para estrita sobrevivência. (LEAL et al., 2002).

Segundo o Movimento Nacional dos Catadores (MNC), o trabalho de coleta de materiais recicláveis é realizado a mais de 50 anos. Estima-se que haja mais de 500 mil trabalhadores espalhados por 79% dos municípios brasileiros, dentre esses ainda é possível observar a presença de crianças.

De acordo com Abreu (2001), apesar da inexistência de dados atualizados confiáveis sobre o contingente de catadores no país, pode-se considerar significativo o resultado da atividade de catação, pois os catadores são responsáveis por grande parte do material que alimenta as indústrias de reciclagem no Brasil.

A partir do entendimento da importância do trabalho de catação, torna-se evidente a necessidade de melhorar as condições de trabalho, produtividade e, conseqüentemente, de rendimento dos catadores. Para tanto, é imprescindível a implantação de um sistema de gerenciamento de resíduos sólidos com coleta seletiva, o que facilitaria o trabalho de catação e atribuiria maior valor aos materiais recicláveis, e condições de trabalho dignas e seguras. (CARMO, 2005).

O lixão de Brasília situa-se ao norte da Vila Estrutural e a sudoeste do Parque Nacional de Brasília, que agrega a maior reserva ambiental da região. O lixão ocupa uma área de aproximadamente 200 hectares. Hoje com sua capacidade praticamente esgotada, o lixão apresenta inúmeros problemas sociais, de poluição do solo e dos recursos hídricos, além de interferir na fauna do Parque Nacional de Brasília.

A Vila Estrutural está localizada em área privilegiada, próxima ao Cruzeiro, Setor de Indústria e Abastecimento e Plano Piloto, distante apenas 13 km do centro administrativo brasileiro.

A "Invasão da Estrutural" remonta ao início da década de 70, com a instalação de moradias precárias por catadores de lixo, que sobreviviam dos resíduos depositados no Lixão de Brasília do Estrutural. Apesar de ambientalmente frágil, a Vila está inserida em posição estratégica no conjunto do tecido urbano do DF.

Durante as décadas de 1970 e 1980 a invasão pouco cresceu, não comprometendo significativamente o entorno do Parque Nacional de Brasília (PNB). A partir de então, a ocupação foi se consolidando devido ao aumento do número de catadores e à fixação de pequenas chácaras (plantio de subsistência). Em 1993 foram cadastradas 393 famílias residentes, das quais 149 sobreviviam da atividade de cata do lixo. Já em 1994, o número de famílias residentes duplicou e passou para aproximadamente 700. Atualmente, a Vila Estrutural é hoje, uma das maiores invasões do Distrito Federal, com 40 mil habitantes.

Uma das principais vias da Estrutural, conhecida como Avenida do Lixão, apresenta um tráfego constante de caminhões de lixo que entram e saem do aterro sanitário noite e dia, que se mistura ao trânsito de ônibus, veículos leves, carroças, bicicletas e pedestres, representando grave risco de ocorrência de acidentes e atropelamentos.

Cerca de 1.500 homens e mulheres, entre 18 e mais de 70 anos, retiram do lixão de Brasília todo o material que possa ser vendido para a indústria da reciclagem, como papelão, plástico, latas de alumínio e metal, etc., disputando o lixo com um trator esteira que tritura quase 500 toneladas depositadas diariamente pelos caminhões coletores. Dentre os catadores, alguns estão no Lixão de Brasília há 39 anos, quando de seu surgimento, nas proximidades do PNB. Há quem tenha nascido, crescido e tido filhos e netos no Lixão, e a maioria não quer sair do local.

Até 2001, todo o lixo produzido no DF era levado para o Lixão, e as famílias conseguiam um rendimento de até R\$ 300,00/semana, o equivalente a menos que dois salários mínimos, na época. Produtos como leite em pó, pão, iogurte, carne, sabão em pó, roupas e móveis eram encontrados com facilidade. Hoje, 80% do lixo do DF segue para as usinas de incineração, assim, a maior parte do que chega atualmente ao Lixão é pobre e não oferece condições de cata.

2. Procedimentos Metodológicos

Os dados utilizados neste estudo foram coletados, por meio de pesquisa de campo realizada em 2009, no lixão da Vila Estrutural. Para tanto foram utilizadas ferramentas qualitativas e quantitativas. Os dados qualitativos foram coletados por meio de reuniões com lideranças e representantes do poder público local que desenvolve ações trabalhadas junto a esse segmento, observação participante de aproximadamente 3 meses no lixão, diário de campo, além de documentos fornecidos pelos órgãos responsáveis e referências bibliográficas.

Os dados quantitativos foram coletados por meio da aplicação de *survey* com questões fechadas para uma amostra de 450 catadores do lixão da Vila Estrutural, de ambos os sexos e idades variadas, moradores ou não da Vila Estrutural que realizam seu trabalho de catação no Aterro Controlado do Jóquei.

A pesquisa junto a 450 entrevistados constitui uma amostra aleatória unbiased do universo de aproximadamente 1500 catadores, de forma que os resultados de proporções apresentados nos gráficos e tabelas neste artigo são válidos para inferências estatísticas para a população total dos catadores com nível de confiança de 95% e margem de erro de cinco pontos percentuais, calculados segundo a fórmula abaixo (COCHRAN, 1977):

$$n = \frac{2Z^2PQ}{d^2} + 1$$

Onde n é o tamanho da amostra, N é o tamanho do universo, P é proporção estimada, Q é a proporção complementar estimada, d é a margem de erro e t é a abscissa da distribuição normal padrão correspondente ao nível de confiança indicado.

Os dados coletados são apresentados de forma em três subtópicos. O primeiro, denominado perfil dos expõe os dados gerais relacionados ao gênero, à faixa etária, e à escolarização dos entrevistados, bem como faz menção às condições de moradia e acesso ao saneamento básico, dos catadores.

O segundo tópico destina-se a caracterizar a dimensão sócio-familiar dos catadores, por entender que as ações voltadas para a inserção socioeconômica do grupo devem levar em consideração que não se trata apenas de catadores, mas de famílias que sobrevivem do trabalho de catação e estão envoltas numa série de problemáticas sociais, que requer atenção por parte do governo e sociedade.

A terceira parte trata dos aspectos relacionados ao trabalho de catação, expondo diversas questões relacionadas à rotina de trabalho dos catadores, rendimentos mensais, principais dificuldades, organização em associações/cooperativas e o desejo ou não dos entrevistados em continuar no trabalho de catação.

3. Condições Socioeconômicas e de Trabalho dos Catadores do Lixão da Capital do Brasil

3.1. Quem são e como vivem os catadores do lixo - Perfil dos Catadores

Em relação ao gênero, a pesquisa evidenciou que a proporção de homens e mulheres que trabalham no Aterro pode ser considerada quase equiparada, visto que, 47% são do sexo feminino e, os outros 53%, do sexo masculino. A respeito da questão de gênero, pode-se entender a participação das mulheres no trabalho de catação enquanto resultado do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, nas últimas décadas. Todavia, na maioria dos países, esse acesso ao mercado de trabalho ainda pode ser caracterizado por uma inserção marginal, frágil e instável, concentrando-se em setores de menor status e com remuneração inferior à dos homens.

Quanto à naturalidade dos catadores chefes de família, a maioria provém da região Nordeste (Tabela 1), o que pode ser explicado devido ao forte fluxo migratório no sentido Nordeste-Brasília, impulsionado, sobretudo, pelo sonho da casa própria, do acesso à educação e saúde, ou seja, da melhoria da qualidade de vida, principalmente para os filhos. Tanto é que a maioria dos outros membros da família tem como naturalidade o Centro-Oeste, nascidos no DF e cidades do entorno.

Tabela 1 - Região de naturalidade dos chefes de família e dos outros membros

REGIÃO	CHEFES DE FAMÍLIA (%)	OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA (%)
Norte	03	04
Nordeste	54	26
Centro-Oeste	33	66
Sul	0	0
Sudeste	10	04

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Dos catadores que vieram do Nordeste, a maioria reside na Vila Estrutural a cerca de sete anos. E, conforme expõe o Tabela 2, 36% dos catadores entrevistados moram na Estrutural, em média, de 5 a 10 anos

Tabela 2 – Porcentagem de Catadores por Tempo de residência no endereço atual

TEMPO DE RESIDÊNCIA NO ENDEREÇO ATUAL	CATADORES (%)
Menos de 1 ano	8
Entre 1 e 3 anos	12
Entre 3 e 5 anos	16
Entre 5 e 10 anos	36

Entre 10 e 15 anos	19
Mais de 15 anos	9

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Um dado interessante é que 53% dos catadores entrevistados possuíam entre 19 e 35 anos de idade, conforme exposto na Tabela 3. Uma das principais características deste segmento de jovens trabalhadores é o fato que muitos nunca estiveram inseridos no mercado de trabalho formal e/ou tem a catação como primeira experiência de trabalho.

Tabela 3 – Porcentagem de Catadores por Faixa Etária

FAIXA ETÁRIA	FEMININO (%)	MASCULINO (%)
Menos de 18 anos	0	1
De 19 a 24 anos	16	25
De 26 a 35 anos	32	32
De 36 a 45 anos	31	23
De 46 a 55 anos	16	13
De 56 a 65 anos	4	6
Acima de 65 anos	0	1

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

A inserção no trabalho de catação de forma precária traz conseqüências que poderão repercutir ao longo da vida desses catadores, tais como a ausência de direitos trabalhistas, que impossibilitam a aposentadoria, o recebimento de auxílio doença, entre outros. Já os catadores com idade entre 36 e 55 anos, informaram já ter tido outras experiências laborativas, tais como pedreiro, doméstica e padeiro. No entanto, passaram a trabalhar na catação por conta da dificuldade de se manter no mercado de trabalho, decorrente, principalmente, da ausência de vagas e da baixa remuneração atribuída aos serviços prestados.

A tabela 3 ainda evidencia que a maioria das mulheres entrevistadas está em idade fértil. Para elas, o trabalho de catação torna-se ainda mais cansativo, pois ainda possuem a jornada doméstica diária. Portanto, este público demanda políticas públicas relacionadas à saúde da mulher e outras voltadas para a educação dos filhos, tais como creches e escolas para educação infantil, para que possam, assim, ter uma melhor inserção no mercado de trabalho.

Além do mais, a tabela 4 mostra que, entre os solteiros, as mulheres são maioria, e, entre os casados, minoria. Ou seja, este dado sugere que a maior parte das mulheres catadoras são chefes de família, o que pode ser confirmado por 62% das mulheres entrevistadas.

Tabela 4 – Porcentagem de Catadores por Estado Civil e Gênero

ESTADO CIVIL	FEMININO (%)	MASCULINO (%)
Solteiro	17,4	10,9
Casado	27,6	39,2
Separado	1,3	0,8
Outros	1,3	0,8

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

O trabalho de catação tornou-se o principal e, na maioria dos casos, o único meio de sustento das mulheres chefes de família, que trabalham, inclusive, nos períodos de gravidez. No caso dos homens, além do trabalho de catação, são executados, paralelamente, pequenos serviços como os de pedreiro, jardineiro, padeiro e caseiro.

A diferença de gênero também pode ser notada na questão dos rendimentos mensais, uma vez que a pesquisa evidenciou que as mulheres entrevistadas chegam a ganhar, em média, 52% do rendimento dos homens, ou seja, eles recebem cerca de 90% a mais do que as mulheres³.

Nesse sentido, deve ser considerado o fenômeno da feminização da pobreza, que está associado aos processos de globalização, de reestruturação produtiva e de precarização do trabalho, com a concomitante vulnerabilização de grupos específicos da sociedade, dentre eles as mulheres. O aumento da vulnerabilidade social da classe trabalhadora atinge, pois, principalmente as mulheres e as crianças, ou seja, aqueles grupos familiares nos quais a mulher é a principal ou única provedora, não havendo um adulto do sexo masculino que compartilhe a responsabilidade pela subsistência da família.

A questão da escolaridade é um aspecto importante e que deve ser considerado nas análises sobre acesso ao trabalho e nível de renda. Sobre esta questão, constatou-se, por meio das entrevistas, que a maioria dos catadores iniciou as atividades laborativas quando crianças, para auxiliar na renda familiar. Essa inserção precoce no mercado de trabalho informal dificultou o ingresso e a permanência na educação formal, o que mais tarde repercutiu enquanto empecilho para o acesso ao mercado de trabalho formal. Não obstante, a pesquisa mostrou que 73% dos catadores possuem apenas o ensino médio fundamental incompleto, com uma média de cinco anos de estudo, conforme demonstra a tabela 5.

³ Conforme mencionado no início deste tópico, as porcentagens calculadas provêm da média de rendimento mensal apresentada pela pesquisa, em que os homens recebem uma renda média mensal de R\$ 481 e as mulheres R\$ 253.

Tabela 5 – Porcentagem de Catadores por Escolaridade

ESCOLARIDADE	CATADORES (%)
Analfabeto	11
Ensino Fundamental Incompleto	73
Ensino Fundamental Completo	6
Ensino Médio Incompleto	6
Ensino Médio Completo	4

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Vale salientar que se observou que aqueles catadores com maior escolaridade obtinham maior renda em relação aos com menor escolaridade, o que confirma a importância da educação para o desempenho de qualquer forma de trabalho, como no caso da catação.

No mais, os catadores, em sua maioria, não possuem ou têm em estado precário de conservação, os documentos necessários para o exercício da cidadania, tais como: certidão de nascimento, carteira de trabalho e de identidade, por exemplo, o que dificulta o acesso aos direitos preconizados pela Constituinte e demonstra a frágil garantia de outros direitos.

Com relação às condições de moradia, 60% dos catadores residem em casas feitas de madeira/madeirito ou com materiais aproveitados; 90% com coberturas de amianto; 81% com piso de cimento ou “vermelhão”; e, 99% residem em casas com apenas um pavimento. Além do mais, a maioria dos entrevistados reside em quadras próximas ao Aterro e que ficam distantes dos equipamentos públicos, tais como a escola e o posto de saúde.

Grande parte dos catadores, ou seja, 93% utilizam a moradia apenas como residência, sendo que 3% também a utilizam para fins de comércio. Apesar de a Vila Estrutural ser uma ocupação irregular, o que significa que seus moradores não possuem a titularidade dos imóveis, 77% dos entrevistados informaram ser os proprietários das moradias, e, aproximadamente 70 famílias de catadores vivem em residências cedidas por terceiros, o que pode ser observado na Tabela 6.

Tabela 6 – Porcentagem de Catadores por Regime de ocupação da moradia

REGIME DE OCUPAÇÃO	CATADORES (%)
Próprio	77
Alugado	8
Cedido	15
Outro	0

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Em relação aos serviços de saneamento básico, a Vila Estrutural não possui esgotamento sanitário, e, 17% dos entrevistados possuem banheiros externos ou privadas feitas com valas; 92% dos entrevistados são atendidos pela concessionária local de abastecimento de água (CAESB), sendo que 83% não possuem caixa d'água.

Entretanto, cerca de 30% dos catadores não pagam energia elétrica, o que caracteriza a existência de ligações clandestinas e, ainda, 13% não pagam água, pois utilizam poços artesianos ou ligações clandestinas para ter acesso ao recurso.

Sobre a coleta de lixo, 59% dos catadores informaram que suas moradias são atendidas por coleta regular de lixo. Como a Vila Estrutural não possui serviço de telefonia fixa, os moradores possuem atendimento apenas por meio de telefones públicos ou móveis, sendo que 43% dos catadores entrevistados declararam que nas proximidades de suas residências não existem telefones públicos.

Apenas 19% dos entrevistados recebem correspondência em casa, e, para tanto, pagam uma taxa que varia de 5 a 20 reais mensais para que um dos moradores da rua distribua as correspondências.

Essas informações nos levam a refletir sobre o patamar mínimo e universal para se falar em qualidade de vida, que diz respeito à satisfação das necessidades mais elementares da vida humana, o que inclui um padrão adequado de alimentação e nutrição; acesso à água potável, habitação e saneamento básico; boas condições de trabalho, oportunidades de educação ao longo de toda a vida, saúde e lazer; elementos materiais que têm como referência noções relativas de bem-estar e realização individual e coletiva.

Partindo desses pressupostos, é possível dizer que os catadores não têm acesso aos mínimos capazes de satisfazer suas necessidades mais básicas, carecendo de uma intervenção governamental a fim de elevar a qualidade de vida, por meio de melhoria das condições de trabalho, inclusão dos filhos no sistema educacional e demais membros da família em programas sociais e de capacitação profissional. Em suma, é necessário um esforço integrado para, de fato, incluí-los socialmente.

3.2. Com quem vivem os catadores do lixão - Dimensão Sócio-Familiar dos Catadores

A dimensão sócio-familiar dos catadores entrevistados deve ser levada em consideração porque parte-se do entendimento de que cada catador e catadora entrevistada representam uma família e, por assim ser, as iniciativas voltadas para a inserção social dos catadores devem prever ações que se estendam para a melhoria social das famílias como um todo, não se focando apenas ao âmbito individual.

A pesquisa realizada mostrou que a trajetória familiar dos catadores está repleta de fragilidades. E, apesar das famílias não serem construídas sob os moldes socialmente desejados, para os catadores ela é fundamental, pois “diante do campo restrito de possibilidades econômicas e sociais, a família representa para estes indivíduos, como para os pobres em geral, um elo com a vida social no seu sentido mais amplo. A família é tão valorizada porque lhes confere pertencimento, inscrevendo-os numa comunidade concreta” (AZEREDO, 1999).

No caso das mulheres chefes de família, a relação entre vida, família e trabalho estabeleceu-se desde a infância e, na maioria dos casos, foi na adolescência que elas se casaram e constituíram família. A condição de chefes de família foi consequência de inúmeras dificuldades no decorrer da vida conjugal, relacionadas ao desemprego, ao uso abusivo de bebida alcoólica por parte dos companheiros, bem como pela violência verbal e física exercida pelos mesmos em relação aos membros da família (filhos e esposa), o

que acarretou na dissolução dos matrimônios por iniciativa das próprias catadoras. Dessa forma, as catadoras entrevistadas declararam que a família consistia em um bem de suma importância, no qual se identificavam exercendo um papel na sociedade.

Já os catadores do sexo masculino, têm suas trajetórias de vida marcadas pelo trabalho precoce, principalmente, em atividades rurais e da construção civil, que se constituíam enquanto meios de contribuição financeira às famílias.

A tabela 7 mostra que as famílias dos catadores entrevistados podem ser consideradas jovens, visto que 64% de seus membros possuem até 25 anos de idade. Além disto, as famílias são formadas, principalmente, pelos responsáveis e filhos, sendo, em média, constituídas por quatro membros, o que revela que grande parte das famílias são monoparentais . Quanto à naturalidade dos outros membros da família, 45% nasceram no DF, 13% no GO e 12% na BA.

Tabela 7 – Porcentagem de Catadores por Faixa etária dos membros da família

FAIXA ETÁRIA DOS MEMBROS DA FAMÍLIA	CATADORES (%)
Menos de 18 anos	49
De 19 a 25 anos	15
De 26 a 35 anos	16
De 36 a 45 anos	12
De 46 a 55 anos	6
De 56 a 65 anos	2
Acima de 65 anos	0

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

No que tange ao nível de escolaridade, a situação dos membros da família é semelhante à dos catadores, pois cerca de 60% possuem apenas seis anos de estudo, 59% dos membros não possuem renda, e, 62% estão desempregados, o que torna o trabalho de catação a principal fonte de renda das famílias. A tabela 8 apresenta o percentual de catadores por renda individual.

Tabela 8 – Porcentagem de Catadores por Renda individual

RENDA INDIVIDUAL	CATADORES (%)
Sem renda	59
Menos de R\$ 100,00	1
De R\$ 200,00 a R\$ 299,00	2
De R\$ 300,00 a R\$ 399,00	5
De R\$ 400,00 a R\$ 499,00	10
De R\$ 500,00 a R\$ 599,00	8
De R\$ 600,00 a R\$ 699,00	3
De R\$ 700,00 a R\$ 799,00	6
De R\$ 800,00 a R\$ 899,00	2

De R\$ 900,00 a R\$ 999,00	3
Acima de R\$ 999,00	2

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

No caso das catadoras chefas de família, que somam 62% do total de entrevistados, existe ainda a preocupação com os filhos menores de sete anos de idade, que correspondem ao total de 33% dos filhos (Tabela 09). Para solucionar a questão do cuidado com os filhos mais novos, a pesquisa revela que as catadoras utilizam de várias estratégias.

Tabela 9 - Porcentagem dos Filhos de Catadores, segundo a Faixa Etária

FAIXA ETÁRIA DOS FILHOS	CATADORES (%)
De 0 a 2 anos	12
De 3 a 6 anos	21
De 7 a 9 anos	17
De 10 a 12 anos	16
De 13 a 15 anos	11
De 16 a 18 anos	7
De 19 a 25 anos	13
De 26 a 35 anos	2

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

A primeira estratégia utilizada é colocar os filhos mais velhos (ou seja, os maiores de sete anos) para cuidar dos demais. A segunda solução é utilizar a rede de solidariedade familiar ou da vizinhança, que, em alguns casos, é paga.

Uma terceira solução é levar os filhos para o trabalho, o que é perigoso devido à insalubridade do local, a existência de materiais cortantes e infectantes e a circulação de veículos, por exemplo.

A reflexão que se faz nesse sentido é que a melhor solução seria deixar as crianças em creches públicas, todavia, não há na Vila Estrutural tal equipamento público.

Além do mais, cerca de 10% das crianças acima de oito anos são analfabetas, ou ainda não ingressaram no sistema formal de ensino e a maioria dos jovens com idade até 25 anos não completaram o ensino fundamental.

A escolarização é algo fundamental para a educação dos filhos, tendo como horizonte a possibilidade de um futuro melhor, e está fortemente relacionada ao que a família pode oferecer. A grande problemática que está por trás do abandono e da defasagem escolar é o fato de que a escola compete com a necessidade básica primordial: a sobrevivência do grupo familiar. Portanto, romper com o problema da escolarização e, conseqüentemente, com o do trabalho infantil, torna-se muitas vezes, quase impossível.

Essa afirmação encontra suporte no estudo realizado por Salama e Destremau (1999), fundamentado em dados estatísticos sobre a situação da pobreza em vários países, e que mostra que as crianças em situação de extrema pobreza possuem chances mínimas de sair do estado de miséria. O estudo ainda diz que no caso daquelas que nascem

dentro de famílias pobres, mas não indigentes, existem maiores chances de melhoria na condição de vida, sem, portanto, afastar-se demasiadamente da linha de pobreza.

Uma alternativa para contornar a problemática da pobreza é a inserção destes grupos em programas sociais. Nesse sentido e em relação aos filhos dos entrevistados, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) é encarado como um meio de aumentar os rendimentos das famílias, possibilitando a “liberação” dos filhos para freqüentar a escola.

Além do PETI, 31% dos catadores participam de algum outro programa social, em especial, daqueles voltados para a transferência de renda. De acordo com a tabela 10, pode ser observado que se destacam o programa Bolsa Família e o Programa de Pão e Leite.

Tabela 10 – Porcentagem de Catadores por Benefícios de Programas Sociais

PROGRAMA SOCIAL	SITUAÇÃO DOS CATADORES (%)	
	Beneficiário	Não beneficiário
Bolsa Família/ Renda Minha	18	79
Renda Solidariedade (Pão e Leite)	8	90
PETI	5	93

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

3.3. Condições de Trabalho dos Catadores

É importante reconhecer que o trabalho desenvolvido pelos catadores, apesar do estigma ainda existente, é um trabalho extremamente necessário para a preservação do meio ambiente.

No entanto, por trás deste incrível trabalho está a luta cotidiana pela sobrevivência e pela dignidade. Em consonância com Juncá (2001), trabalhar no lixo é um desafio a ser vencido, que “envolve ignorar estigmas e encarar riscos, substituindo medos e humilhações por formas de enfrentamento de realidade que criam e os mobilizam integralmente”.

No caso do Lixão, cerca de 1.500 pessoas sobrevivem do trabalho da catação, sendo este trabalho a principal fonte de renda para 95% dos que lá trabalham.

Na maioria dos casos, apesar de já terem tido alguma experiência em outra frente profissional, os entrevistados têm no trabalho de catação uma alternativa frente ao desemprego, mesmo este trabalho sendo visto como último recurso em uma sociedade marcada pela redução das ofertas de emprego.

Aliado ao desemprego, o fácil acesso ao Aterro e o regime de trabalho flexível (autonomia) apresentam-se como os principais motivadores para o trabalho de catação, conforme exposto pela tabela 11.

Tabela 11 – Porcentagem de Catadores segundo o Motivo pelo qual trabalham com a catação

MOTIVO PELO QUAL TRABALHA COM CATAÇÃO	CATADORES (%)
Desemprego	87
Regime de trabalho flexível	9
Proximidade com o local de moradia	3
Pouca exigência de escolaridade	3
Quer se profissionalizar como Agente Ambiental	1
Outros	5

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

A tabela 12 mostra que 53% das famílias de catadores possuem mais de um membro inserido na catação, o que pode ser explicado pela facilidade de gerar renda de maneira “rápida”, dada a necessidade imediata de sobrevivência.

Tabela 12 – Porcentagem de Pessoas da família que trabalham com catação

PESSOAS DA FAMÍLIA	CATADORES (%)
Só o entrevistado	47
Duas pessoas	36
Três pessoas	10
Quatro pessoas	4
Mais de quatro pessoas	3

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Um dado de extrema importância é a inserção dos catadores em associações/cooperativas. De acordo com a pesquisa realizada, do quantitativo de 1.200 catadores cadastrados na Associação Ambiente, apenas 17% dos 900 catadores localizados afirmaram participar da Associação e, mesmo nestes casos, a participação se restringe à contribuição que é dada para a organização confeccionar as carteirinhas, referentes ao valor de R\$ 5,00.

A Associação, no período em que a pesquisa foi realizada, funcionava apenas com o intuito de organizar o trabalho local, sendo que os materiais catados eram comercializados individualmente ou em parceria familiar. Não existia, portanto, um mínimo de organização pautada no senso de coletividade e cooperativismo.

A dinâmica do trabalho realizado no Aterro gira em torno de coletar o material reciclado que está misturado com os outros resíduos, e que provém das cidades do DF. Os resíduos são depositados pelos caminhões em pequenos montes e praças de materiais e, a partir de então, os catadores garimpam e separam o material que pode ser reciclado, utilizando-se de instrumentos como pás, enxadas e grandes sacos para o armazenamento do lixo (bags). Posteriormente, é feita a separação dos produtos para a venda.

Os catadores trabalham dia e noite, sob chuva ou sol, determinando seu próprio ritmo e horário de trabalho. Estão submetidos à um ambiente de trabalho insalubre e precário, pois convivem com o mau cheiro dos gases exalados pelo lixo acumulado, assim como pela intensa fumaça produzida pela combustão dos gases, com os urubus e moscas que sobrevoam a área e, além de tudo, submetem-se ao risco de contrair várias doenças, de se acidentarem e se contaminarem.

Os dados mostram que 34% dos entrevistados trabalham por até 10 horas diárias. Existem, atualmente, quatro escalas de trabalho, sendo duas diurnas e duas noturnas, incluindo a madrugada (tabela 13). O trabalho realizado é bastante exaustivo, pois os catadores utilizam da tração humana para puxar seus carrinhos, carregando, por dia, mais de 200 quilos de materiais recicláveis (o correspondente a mais ou menos quatro toneladas mensais), e percorrendo mais de vinte quilômetros diários. Muitos catadores acabam sendo explorados, pois vendem seus materiais recicláveis para os famosos atravessadores e donos de depósitos (sucateiros) que se aproveitam de suas necessidades de subsistência imediata e trocam os resíduos coletados por valores simbólicos e até mesmo por bebidas alcoólicas.

Tabela 13 – Porcentagem de Catadores por Horas trabalhadas/dia

HORAS TRABALHADAS/DIA	CATADORES (%)
Quatro horas	3
Oito horas	28
Dez horas	34
Doze horas	28
Catorze horas	5
Mais de catorze horas	2

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Os sucateiros vão acumulando o lixo prensado em fardos nos seus depósitos até conseguirem uma quantidade que torne viável a venda para as indústrias de reciclagem.

É interesse destacar que a autonomia apontada pelos catadores sofre interferência do próprio mercado de compra dos materiais coletados, uma vez que já existe uma rotina de trabalho com horários, dias e compradores definidos e, quem não se insere nesta rotina, corre o risco de não conseguir o suficiente para o seu próprio sustento.

A existência de um trabalho uniforme pode ser verificada na tabela abaixo, que mostram que 58% dos catadores trabalham durante seis dias na semana, além de 95% trabalharem diariamente.

Tabela 14 – Porcentagem de Catadores por Dias trabalhados por semana

DIAS TRABALHADOS SEMANA	POR CATADORES (%)
Até quatro dias	4
Cinco dias	25
Seis dias	58
Sete dias	13

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Existe uma divisão do trabalho que é organizada a partir dos tipos de materiais recicláveis que são vendidos, tais como alumínio, ferro, papel, papelão, plástico, vidro e outros. Na maioria dos casos (60%), os materiais não são levados para as casas dos catadores, portanto, são organizados espaços para cada um na área do Aterro e, lá são deixados os materiais coletados.

Quanto à periodicidade da remuneração, 89% dos catadores recebem semanalmente pelos materiais coletado (tabela 15). A renda obtida varia de acordo com a produção de cada trabalhador e, apenas 5% dos catadores se associam com outros para aumentar o volume de materiais recicláveis a serem vendidos.

Tabela 15 – Porcentagem de Catadores por Periodicidade da remuneração

PERIODICIDADE REMUNERAÇÃO	DA CATADORES (%)
Diária	6
Semanal	89
Quinzenal	3
Mensal	2

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

A renda dos catadores varia em razão dos seguintes elementos: época do ano, número de familiares que atuam na catação, horas trabalhadas e tipo de material coletado. Logo, a renda mensal dos entrevistados é bastante diversificada, como pode ser visto na tabela 16. Além do mais, apesar da renda média mensal girar em torno de R\$ 481, que aparenta ser elevada se comparada com a renda média mensal de outras ocupação de baixa escolaridade, não existe uma renda fixa, pois o catador só recebe se tiver o material para ser vendido.

Tabela 16 – Porcentagem de Catadores por Faixa de renda mensal

FAIXA DE RENDA MENSAL	CATADORES (%)
De 0 a R\$ 100,00	4,66
De R\$ 101,00 a R\$ 200,00	9,56
De R\$ 201,00 a R\$ 300,00	15,38
De R\$ 301,00 a R\$ 400,00	26,57

De R\$ 401,00 a R\$ 500,00	9,56
De R\$ 501,00 a R\$ 750,00	18,56
Acima de R\$ 751,00	15,62

Fonte: Pesquisa Condições de Trabalho Catadores/2009

Essa situação mostra que o trabalho de catação está à margem da legalidade, uma vez que os catadores não são assistidos pelos direitos trabalhistas. Como exemplo, podemos pensar que caso um catador se acidente no trabalho, ele não terá direito ao auxílio-doença ou qualquer outro benefício previdenciário, e isso acarretará na diminuição da sua renda, dada a impossibilidade de trabalhar.

E, a grande questão é que a indústria de reciclagem, de acordo com estimativa realizada pelo CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem), movimenta anualmente cerca de R\$ 3 bilhões, considerando apenas os produtos recicláveis principais (alumínio, plástico, papel, papelão e borracha) (BERGAMASCO, 2003). Ou seja, apesar de apresentar um mercado cada vez mais promissor, o trabalho de catação reproduz condições de marginalidade e ausência de direitos para aqueles que são os agentes principais na coleta e separação do material: os catadores. Estes participam como elemento base de um processo produtivo lucrativo, mas, paradoxalmente, trabalham em condições precárias, subumanas e não obtêm ganhos que lhes assegurem uma sobrevivência digna (LEAL et al., 2002).

Tal situação é explicada por Carmo (2005) como resultado do baixo nível de escolaridade dos catadores, o que contribui para que eles desconheçam os aspectos que envolvem a logística do processo de reciclagem. Viana (2000) agrega, ainda, que a existência dos atravessadores se dá pela dificuldade de locomoção dos catadores para entregar os materiais recicláveis nas respectivas indústrias e pelas vantagens que este sistema oferece às próprias indústrias.

Sobre as condições precárias de trabalho, constatou-se que 35% dos catadores já se acidentaram no trabalho, sendo que 78% dos acidentes foram ocasionados por material cortante. Ademais, 23% dos que já se acidentaram tiveram que se ausentar do trabalho por, pelo menos, uma semana. Um dos fatores que contribuem para a ocorrência de acidentes no trabalho é o fato de que 58% dos catadores não utilizam material de proteção, tais como máscara, luvas, botas e boné.

Nesse sentido, estudos brasileiros sobre a saúde dos catadores mostram que os problemas de saúde mais recorrentes no grupo são distúrbios e parasitoses intestinais, hepatite, doenças de pele, respiratórias e danos nas articulações (SISINNO&OLIVEIRA, 2000). Estas informações alertam para a necessidade de ações que integrem, simultaneamente, as dimensões sociais, sanitárias e ambientais, como a instalação de infra-estrutura mínima para a realização do trabalho nas praças, tais como banheiros químicos, abrigo para proteger do sol e da chuva, pias para lavar as mãos, dentre outros.

Apesar de todos os desafios que incidem no trabalho realizado pelos catadores do Lixão, os resíduos sólidos são um nicho de mercado que não pode ser ignorado, conforme já mencionado anteriormente. Por conseguinte, existe no trabalho de catação uma possibilidade significativa de incluir socialmente as pessoas que não teriam, provavelmente, outras oportunidades no mercado de trabalho. Portanto, o que se sugere neste Plano não é o abandono do trabalho de catação, e sim que ele possa ser desenvolvido de maneira digna e em consonância com os direitos sociais estabelecidos.

A pesquisa também mostrou que, por conta do estigma social que sofrem e das condições precárias de trabalho às quais estão submetidos, 63% dos entrevistados manifestam o desejo de exercer outra profissão, sendo que os restantes 37% desejam profissionalizar-se como catadores. Todavia, os que desejam mudar de profissão acrescentam ressalvas a essa possibilidade, como ganhar o mesmo e não perder a autonomia.

A questão de gênero também incide sobre a mudança de profissão, sendo que 55% dos homens preferem se profissionalizar como catador e 49% das mulheres anseiam pela mudança de profissão.

Dentre os que desejam mudar de profissão, atividades como artesanato, serviços gerais, costura, cozinheira e babá, foram as mais citadas pelas mulheres. Já os homens citaram profissões relacionadas a serviços gerais, mecânica de automóveis, pedreiro e serviço de vigilante. Em especial, as mulheres apontaram ressalvas para a realização de outra atividade, como a questão da autonomia que entendem possuir para cuidar dos filhos.

4. Considerações Finais

Apesar de todos os desafios que incidem no trabalho realizado pelos catadores, os resíduos sólidos são um nicho de mercado que não pode ser ignorado. Existe no trabalho de catação uma possibilidade significativa de incluir socialmente as pessoas que não teriam, provavelmente, outras oportunidades no mercado de trabalho.

A pesquisa demonstrou que os catadores de materiais recicláveis elegeram como vantagem primeira do trabalho no Aterro os ganhos que conseguem ali obter, que são, na maioria das vezes, superiores aos recebidos em profissão anterior. Também apontam como benefício a autonomia na gestão do tempo, que, apesar de quase todos cumprirem longas jornadas de trabalho, possuem independência no sentido de que não precisam pedir licença ao patrão ou à patroa para descansar, comparecer às reuniões na escola, conversar com os colegas, definir horários de trabalho.

Constatou-se, também, que o valor do rendimento mensal dos entrevistados parece influenciar a permanência no trabalho, pois as idades e a ausência de escolaridade dificultam a inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no recebimento de um salário equivalente à renda obtida com venda dos materiais recicláveis coletados no Aterro.

No caso daqueles que desejam se inserir em outras frentes profissionais, os principais motivos estão elencados foram:

- Em outra atividade, tinham um salário e um emprego fixo, garantido. A catação é uma atividade incerta;
 - Considerações de que esta é uma profissão pesada, sofrida. O catador necessita andar muito, o que torna a atividade cansativa;
 - Observações de que o catador mexe com a sujeira e em função disso adquire doenças. Trabalhando com a catação a pessoa anda sempre sujo;
 - Presença de muitos catadores nas ruas, o que diminuiu a quantidade de material arrecadada e torna a atividade cada vez mais difícil;
 - Sentimento de que a sociedade possui preconceito em relação aos catadores, discrimina a profissão de catador. Considerações de que as
-

peças olham para o catador como se este fosse ninguém, como se este não estivesse realizando uma atividade digna.

Portanto é importante oferecer condições salubres e dignas de trabalho para esses catadores incentivando a permanência na cadeia econômica de reciclagem, porém em condições adequadas de trabalho.

Por meio do trabalho da catção, ainda que seja um trabalho, os catadores buscam condições que lhes permitam serem incluídos como sujeitos na sociedade. Portanto, reconhecê-los enquanto sujeitos, portadores de direitos e deveres passa necessariamente pela melhoria das condições de trabalho, uma vez que pode-se observar que as condições de trabalho às quais esses catadores são submetidos é sub-humano e necessitam de uma ação emergencial em questões fundamentais como higiene e salubridade.

5. Referências Bibliograficas

- Azeredo, V. G.(1999), *Os recicladores da miséria*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Escola de Serviço Social/UFRJ.
- Bergamasco. C. (2003), *A Riqueza dos Reciclados*. In: Pequenas Empresas Grandes negócios. São Paulo: Editora Globo.
- Bursztyn, M. (2000), *Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua*. In M. Bursztyn (Org.). No meio da rua: nômades excluídos e viradores (pp. 27–55). Rio de Janeiro: Garamond.
- Carmo, M.S. (2005), *A semântica "negativa" do lixo como fator "positivo" à sobrevivência da Catação – Estudo de caso sobre a associação dos recicladores do Rio de Janeiro*. Em Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração. ENANPAD, Brasília – DF.
- Cochran, W.G. (1977), *The estimation of sample size*. In: Cochran, W.G. Sampling techniques. 3.ed. New York : John Willey.
- Juncá, D. M. C. et al (2000),. *A mão que obra no lixo*. EdUFF/RJ.
- Leal, A.C.;et al (2002), *A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem*. Revista Terra Livre, São Paulo, 18(19), 177-190, jul/dez.
- Salama, P.; Destremau, B.(1999), *O Tamanho da pobreza: economia política da distribuição de renda*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Sarti, C.A.(1996), *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados.
- Sisinno, C. L. S. & Oliveira, R. M. (2000) *Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Souza, F. V.(1995), *Sobrevivendo das sobras: as novas formas de miséria urbana*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social: Escola de Serviço Social/UFRJ.
- Viana. N. (2000). *Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce*. Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás. 27(3).
-